



AS MANIFESTAÇÕES DO SKATE EM DIFERENTES AMBIENTES DE ENSINO E APRENDIZAGEM.

Palavras-Chave: SKATE-1, AMBIENTES DE APRENDIZAGEM-2, PEDAGOGIA DO ESPORTE-3

Autores(as):

JOÃO GALLI APOLLONI, FCA – UNICAMP

Profa. Ma. DÉBORA JAQUELINE FARIAS FABIANI, FEF - UNICAMP

Prof. Dr. ALCIDES JOSÉ SCAGLIA, FCA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O skate tem se tornado cada vez mais popular devido a sua difusão em diversas mídias, sejam elas físicas ou digitais. Seu sucesso iminente o levou para o ápice do esporte em 2020, os Jogos Olímpicos, presente no quadro Olímpico desde os jogos de Tokyo, o skate já soma em torno de 8,5 milhões de praticantes no Brasil (CBSK).

Entretanto, apesar de sua popularidade o meio acadêmico ainda carece de artigos científicos que buscam compreender as manifestações do skate no que tange as novas tendências da Pedagogia do Esporte se comparado com as modalidades coletivas mais tradicionais (Futebol, Vôlei, Basquete e Handebol). Assim, torna-se papel da ciência investigar, com seriedade e ética, as possibilidades pedagógicas que essa prática pode oferecer.

Segundo BRASIL (2023), para entender melhor o skate, é preciso conceituar suas manifestações (lazer, quase-esporte e esporte), vertentes (como o Skate de Rua) e expressões (como o Longboard Dancing). Essas manifestações são influenciadas pelas condições individuais dos praticantes e também pelo ambiente da prática, sejam eles formais, não formais ou informais (Libâneo, 2017).

Abarcando os conceitos citados acima, juntamente com o marco teórico, este estudo busca compreender, através de observação não participante e entrevistas-conversas com skatistas, como ocorrem os processos de formação e aprendizagem nesses diferentes contextos, destacando o potencial educativo das múltiplas manifestações do skate.

METODOLOGIA:

A pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, buscando descrever fatos e fenômenos de uma realidade específica (TRIVIÑOS, 1987) e tornar mais visíveis (GIL, 2007) as semelhanças e diferenças entre os ambientes

estudados, além de evidenciar nuances da cultura lúdica do skate. O processo envolveu familiarização com o problema proposto. A pesquisa foi dividida em três partes: inicialmente, foram realizadas entrevistas-conversas; em seguida, observações não participantes; e, por fim, a análise do material coletado.

A metodologia da entrevista-conversa foi adotada como base, conforme Saramago (2001), estruturada a partir de grandes blocos temáticos intercomunicáveis, o que permitiu que os temas se conectassem durante a condução da conversa. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise. Os blocos abordaram os seguintes temas: relação individual com a prática do skate, ambiente de prática, relações interpessoais, elementos socioculturais da cultura do skate e processo de aprendizagem.

As entrevistas-conversas foram realizadas por videoconferência com um grupo de três skatistas com vivência exclusiva em ambiente informal de aprendizagem. Os critérios de seleção dos participantes incluíram a prática regular do skate, idade mínima de 18 anos e disponibilidade para participação remota. O contato inicial se deu por meio de indicações de colegas da área das Ciências do Esporte e pelas redes sociais, utilizando um convite com QR code e um formulário de intenção.

Após as entrevistas, foi realizada a etapa de observação não participante com o intuito de compreender como ocorre a formação do aprendizado em ambientes não formais. Essa etapa seguiu os princípios de vigilância constante quanto à suspensão de valores e julgamentos (BAPTISTA, 2011; SILVA, 2019). As observações aconteceram em parceria com uma escola de skate que autorizou a coleta de dados para o projeto de pesquisa, a coleta de dados durou cerca de 2 meses, com a observação não participante de diversas aulas com classes etárias diferentes, os registros foram realizados através de um diário de campo e posteriormente repassados para um arquivo no computador com acesso dos pesquisadores.

As informações sistematizadas foram analisadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), desenvolvida em três etapas: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. A partir dos conteúdos manifestos nas entrevistas e nas observações, foram construídas categorias e inferências em diálogo com o referencial teórico. Por fim, foi realizada a triangulação dos dados (FLICK, 2009), integrando os registros das entrevistas, das observações e da literatura utilizada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A triangulação de dados entre entrevistas com skatistas em educação informal, observações em aulas sistematizadas (educação não formal) e o referencial teórico adotado permitiu compreender o processo de formação no skate em ambientes diversificados.

A partir das entrevistas, foi possível perceber que a educação informal, que ocorre ao longo da vida, fora das instituições escolares, por meio da experiência cotidiana (LIBÂNEO, 2017), manifesta-se através da cultura do skate, a qual permite que skatistas iniciantes e veteranos compartilhem o mesmo saber. O erro não é punido, mas interpretado como parte do processo, enquanto o sucesso é comemorado coletivamente, ainda que a evolução aconteça no tempo de cada um.

A experiência dos entrevistados revelou que os skatistas alternam entre os papéis de “aprendizes” e “mestres”, mesmo que isso ocorra sem intencionalidade clara. Eles se auxiliam por meio de dicas, sugestões, correções, olhares e incentivo mútuo, reconhecendo o ambiente como espaço para a aprendizagem. O aprendizado, nesse contexto, é guiado pela tentativa e erro, mas também por uma pedagogia não estruturada, construída nas relações e na partilha da prática, conforme proposto pela Pedagogia da Rua (SCAGLIA, 2021).

Entretanto, um dos entrevistados revelou que, apesar da cultura de apoio e do baixo nível de julgamentos, existe o estigma de que “só caindo que se aprende”, traço que pode ser inibidor para alguns iniciantes com menos coragem para enfrentar o medo.

Nas aulas de skate, a cultura das pistas se perpetua por meio dos professores que aprenderam nas pistas e, por meio de intervenções verbais e combinados, transmitem aos seus alunos o que foi aprendido. As aulas observadas evidenciaram a existência de periodização de conteúdos, avaliação, divisão etária e metodologia de aula, que são características inerentes à educação não formal. Há intencionalidade pedagógica clara e progressão de dificuldade durante o ensino das manobras. A presença do professor, associada à obrigatoriedade do uso de equipamentos de segurança durante as aulas, proporciona maior segurança, mas também pode limitar a autonomia e criatividade dos alunos.

A cultura lúdica do skate propaga-se nos dois contextos, porém de maneiras diferentes. Os alunos aprendem com os professores e suas vivências, por meio de trocas entre eles e também nos momentos de menor supervisão, conhecidos como “rolês livres”, onde ganham autonomia para decidir o que será realizado. Já os skatistas do contexto informal, apesar de não possuírem um educador formalmente reconhecido, aprendem por observação, tentativa e erro, e pela convivência entre pares, reforçando o conceito de educação informal de Libâneo (2017).

O medo apareceu como elemento-chave em ambos os contextos. No contexto não formal, ele era mediado pelo professor, já no informal, era enfrentado pela repetição e pela pressão coletiva implícita. Essa tensão entre medo, a adrenalina e prazer do sucesso revela o quanto a prática do skate exige não apenas habilidades técnicas, mas também estratégias emocionais, desenvolvidas ao longo da convivência e da experiência prática.

A pesquisa teve como limitação o número reduzido de participantes e o recorte específico do contexto observado. No entanto, os resultados obtidos oferecem caminhos para futuras investigações sobre a cultura do skate e suas possibilidades pedagógicas.

CONCLUSÕES:

A pesquisa teve como objetivo compreender as diferenças nos processos de formação e aprendizagem do skate em contextos não formais e informais, analisando suas possibilidades pedagógicas, expressões da Pedagogia da Rua e manifestações da cultura lúdica.

No ambiente informal, o aprendizado se dá por meio de interações entre pares, da observação e da persistência, em um espaço onde errar não é penalizado e o sucesso é compartilhado. Já em

contexto não formal esse processo é orientado por professores, com planejamento, estrutura e metodologia.

Ambos contextos apresentam características únicas, que podem ser complementares, o que valoriza os saberes produzidos fora do ambiente escolar, auxiliando na produção de novas estratégias para a aprendizagem da modalidade.

Os objetivos foram alcançados através da triangulação de dados, evidenciando a potencialidade de cada espaço, suas diferenças e similaridades. Os resultados serão apresentados de maneira completa através do relatório final da pesquisa.

Por fim, esta pesquisa contribui para ampliar as discussões sobre o skate e sua cultura no campo da Pedagogia do Esporte, indicando caminhos para que educadores, treinadores e instituições compreendam a pluralidade das manifestações corporais e a potência educativa presente na cultura do skate. Estudos futuros podem aprofundar esse olhar, incorporando outras identidades, territórios e experiências que ampliem ainda mais a compreensão dessa prática em constante transformação.

BIBLIOGRAFIA

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BAPTISTA, Lupetti Gomes Bárbara. O uso da observação participante em pesquisas realizadas na área do Direito: desafios, limites e possibilidades. In: MACHADO, Maíra Rocha (Org.). *Pesquisar empiricamente o direito*. São Paulo: Rede de Estudos Empíricos em Direito, 2017.

BRASIL; Educação física e Ciências do Esporte para além do “quarteto fantástico”. 2023.

CBSk (2015). Pesquisa Datafolha 2015.

<http://www.cbsk.com.br/uploads/repositorio/pesquisadatafolha2015.pdf>

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SARAMAGO, S. S. S. “Metodologias de pesquisa empírica com crianças”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 35, 2001.

SCAGLIA, Alcides José. *Pedagogia, futebol... e rua*. Goiânia, GO: Talu, 2021.

SILVA, Patrícia Silveira da. A medida socioeducativa de internação e a audiência de revisão de medida: um estudo a partir da observação não participante. *Revista Brasileira de Ciências Criminais: RBCCrim*, São Paulo, v. 27, n. 158, p. 16, ago. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.